

Teologia Pública e Estudos da Religião¹

*João Dias de Araújo*²

Introdução

Sejam as minhas primeiras palavras as expressões de minha gratidão ao Deus da Vida e aos irmãos e irmãs da Ecclesia de Cristo pela alegria de estar comemorando, neste ano de 2012, os meus 60 anos de magistério teológico. Foi iniciado, em 1952, quando eu cursava o último ano do Curso de Bacharel em Teologia no SPS (Seminário Presbiteriano do Sul), em Campinas, SP, e que trabalhava, como auxiliar do pastor, Rev. Américo Justiniano Ribeiro, na Igreja Presbiteriana de Campinas. O Rev. Américo foi convidado para ser professor da nova Disciplina – Religião, no renomado Instituto de Educação Carlos Gomes de Campinas, da rede estadual de São Paulo. Como o pastor não tinha disponibilidade de tempo para atender ao convite, consultou o seu auxiliar, o seminarista de 22 anos que cursava o último ano de Teologia. Tremi um pouco, mas aceitei o desafio. Foi a primeira vez que eu dei aula de Teologia, oficialmente, isto é, como diz o povo, “com Carteira assinada” numa instituição oficial de ensino. Aquela primeira turma de Teologia tinha duas características que marcaram o resto da minha vida. 1^a) Era uma turma ecumênica porque era composta por cerca de 30 estudantes de Pedagogia que procediam das principais Igrejas Evangélicas de Campinas. As jovens normalistas tinham um jovem professor.

¹ Palestra proferida por ocasião da inauguração da Cátedra “Teologia Pública e Estudos da Religião”, da Faculdade Unida de Vitória, no dia 31/10/2012.

² Mestre em Teologia pela Universidade de Princeton – USA, patrono da Cátedra “Teologia Pública e Estudos da Religião”, da Faculdade Unida de Vitória.

Sendo uma turma ecumênica, as alunas estavam, sem saber que aquele professor, algumas décadas depois, ia fundar o ITEBA (Instituto Teológico Ecumênico da Bahia), na cidade do Salvador, e que ainda, no futuro, iria ensinar mais de 60 anos em instituições do ensino teológico, tanto protestantes como católicas. 2ª) Entre aquelas lindas normalistas o novo professor ia escolher uma delas para namorar, noivar e se casar e viver com ela até hoje.

Agora, após esses dados biográficos que mostram suas relações com o evento desta noite de inauguração da Cátedra – Teologia Pública e Estudos da Religião o que está chamando a nossa atenção para essas duas áreas de reflexão e de pesquisas no âmbito da Educação Teológica. Vamos justificar o porquê desta decisão da Faculdade Unida de Vitória - ES.

Teologia Pública – Pressupostos mínimos

Conceito

Que é Teologia Pública? É o título dado hoje à reflexão teológica que prioriza o “público”, isto é, a vida da coletividade, as cidades, as nações, os continentes e a humanidade, com seus desafios e problemas. Por exemplo, há dois anos tivemos um Simpósio, em Salvador, BA, sobre a Teologia Pública de dois conhecidos teólogos dessa área: um da América do Norte: Martin Luther King e outro da América Latina, Richard Shaull. O primeiro tratou de um grave problema da sociedade norte americana – A Segregação Racial; o outro tratou de um dos maiores problemas da América Latina – As Injustiças Sociais. Devemos também nos lembrar de que na década de 1950 foi inaugurado um projeto ecumênico intitulado: Igreja e Sociedade na América Latina, que se desenvolveu com a participação de teólogos católicos e protestantes do Brasil, Argentina, Uruguai, Chile, Bolívia e Peru e produziu uma Teologia Pública para a Região. Antes o CMI (Conselho Mundial das Igrejas) criou, em Genebra, a CCPD (“Commission on Churches Participation in Development”) que tinha atuação entre teólogos latino americanos, com o nome de CPID (Comissão de Participação das Igrejas

no Desenvolvimento). Seguindo essa linha, mais tarde, entre os vários desdobramentos dessa iniciativa, o Seminário da Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo, inspirado da teologia de Shaull, criou uma Revista Teológica com o nome: “Teologia e Sociedade”. Portanto, essa é uma área importante para as Faculdades de Teologia, que justifica a criação da Cátedra que estamos, hoje, inaugurando.

Antecedentes

Bíblicos

a) A preocupação de Deus com as cidades está registrada no Antigo e Novo Testamentos. Bíblia começa citando Babel (a cidade dos homens), no Gênesis, e termina com a Nova Jerusalém (a cidade de Deus), no Apocalipse. E, entre os nomes dessas duas, dezenas de cidades são citadas, sendo algumas condenadas e outras salvas pelo Criador-Juiz e Redentor). b) Os profetas foram, como que precursores da Teologia Pública porque traziam mensagens às cidades, nações, impérios e, de modo especial, para o público civil e religioso do Povo Eleito. c) Jesus Cristo enviou os seus discípulos para anunciar a chegada do Reino, não só aos indivíduos e às casas de família, mas também às cidades, embora algumas, após às mensagens, ficaram impenitentes. No texto de Lucas capítulo 10 são citados os nomes de 10 cidades que rejeitaram o Reino. d) Na Igreja Apostólica, citada no livro dos Atos a Primeira Igreja Cristã foi fundada pelo Espírito Santo na importante cidade de Jerusalém, num dia de Festa, e os Apóstolos foram, em seguida, implantando as Igrejas “de cidade em cidade” (Atos 20.23).

Históricos

a) A Igreja Antiga teve o pioneiro da Teologia Pública, Agostinho, Bispo de Hipona, em sua grande obra teológica “A Cidade de Deus” quando tratou também da “Cidade Terrena” que era o grande Império Romano. b) Nos tempos da Reforma, quando João Calvino publicou a edição em Francês o texto traduzido da “Instituição”, en-

viou uma carta ao Rei Francisco I, da França, mostrando a situação do povo francês, e exortando o Rei para que, como Servo do Senhor, cuidasse do seu povo.

Nas Épocas: Moderna e Contemporânea:

a) A Teologia Antropológica de L. Fuerbach (1804-1885). A Teologia não passa de uma Antropologia. Esta Teologia influenciou o pensamento de Karl Marx.

b) A Teologia dos Valores Morais de A. Ritschl (1822-1889). Definiu a Fé cristã centralizada no Amor que deve ser praticado na sociedade.

c) A Teologia do Evangelho Social, que seguiu a Teologia Liberal (Hegel) que postulava que o papel dos cristãos não era “salvar-se do mundo, mas salvar o mundo.” W. Rauschenbuch definiu o Reino de Deus como “a humanidade organizada de acordo com a vontade de Deus”.

d) A Teologia da Secularização, proposta por vários teólogos como D. Bonhoeffer, Harvey Cox, van Buren e outros que destacaram o sentido “mundano” do ministério de Jesus.

e) A Teologia da Libertação, nascida na América Latina, com a participação de teólogos católicos e protestantes no Século XX que enfatizaram que há mais uma fonte da Teologia que é a “situação política-econômica-social e cultural”. Sem consultar essa fonte não é possível fazer Teologia relevante.

f) O Movimento Ecumênico do Conselho Mundial de Igrejas (CMI) que, a partir de 1948, tem realizado Assembleias, Congressos e Debates dentro dessa temática.

No Brasil

No Brasil, além de várias obras publicadas pelas Igrejas Católicas (nas suas anuais Campanhas da Fraternidade) e atuação dos Protestantes com suas ONGs e Organismos Ecumênicos, ainda temos o riquíssimo material da Confederação Evangélica do Brasil (CEB) da Comissão de Igreja e Sociedade, que depois foi substituída pelo

Setor de Responsabilidade Social da Igreja, que fez a sua primeira Reunião de Estudos, em 1955, tendo como tema: “Responsabilidade Social da Igreja”. A segunda Reunião foi em 1957, com o tema: “A Igreja e as Rápidas Transformações da Sociedade”. A terceira reunião de estudos foi em São, no início de 1960, que tratou do seguinte tema: “A Presença da Igreja na Evolução da Nacionalidade”, e, finalmente, nos documentos da quarta Reunião de Estudos, em 1962, A Conferência do Nordeste, com o tema Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro.

Os pontos que acabo de abordar devem ser considerados como Pressupostos Mínimos para começar esses estudos das relações entre Igreja e Sociedade, tanto na área local como nas dimensões nacionais e internacionais, visto que as sociedades estão sendo cada vez mais inseridas nos processos de urbanização. Não pode faltar, nessa reflexão, o auxílio das áreas das ciências: Antropologia Cultural, Sociologia, Psicologia, Economia e Política.

Estudos da Religião – Pressupostos Mínimos

Outra área de estudos contemplada na nova Cátedra é a experiência psico-cultural humana chamada Religião. E, antes de abordar esse tema gostaria de apresentar qual é o conceito de Religião que eu vou adotar aqui. Nesse sentido tenho que destacar logo o estudo introdutório, escrito por Rubem Alves, lá pela década de 1980, intitulado “Que é Religião?”, da coleção “Primeiros Passos” (Editora Brasiliense). Esse livrinho é grande utilidade para a discussão dos vários conceitos de Religião. Mas o conceito de Religião que eu vou usar aqui é elaborado, tomando como base o pensamento, do apóstolo Paulo, no seu discurso no Areópago de Atenas, conforme o registro de Lucas, no livro de Atos, capítulo 17, versículo 27: “para buscarem a Deus se, porventura, tateando, o possam achar, bem que não está longe de cada um de nós...”. Meditando sobre este texto escrevi um soneto simbolista, pois eu sou adepto da “Teo-Poesia”:

Religião (Atos 17.27)

A Religião é o tateamento humano
Na procura do Sobrenatural.
A disputa entre o Sagrado e o Profano
Na antiga arena do Transcendental.

A Religião está dentro do plano
Da “guerra fria” entre o Bem e o Mal.
Quer ser “ópio do povo”, ser engano...
Mas não consegue ser o Ideal.

É uma busca às apalpadelas
Pra saber onde as linhas paralelas
Vão se abraçar e pra sempre viver...

Pois a Religião, desde a Pré-História,
É o palco onde se trava a luta inglória
Entre a Razão e a Fé, O Ter e o Ser.

O conceito de Religião apresentado por Paulo é a de o ser humano procurando Deus. Ele usa o verbo grego *pselafáw*, que Almeida traduziu por “tatear”, mas que outras versões, como a da Bíblia de Jerusalém, traduzem “procurar às apalpadelas” para achar o Deus Supremo, embora Ele não esteja longe de cada um de nós. Essa procura, segundo Lutero, aconteceu logo depois do primeiro pecado, no início da humanidade, porque após a Queda, os seres criados para viverem em comunhão e amizade com o Criador estavam desolados e precisavam de outra opção. Daí aconteceu o que descreve aquela frase atribuída a Lutero: “A Religião foi a primeira invenção do Diabo” para atrair o ser humano na sua busca pelo Sagrado. O conceito de Religião como um “tateamento” em busca do Sobrenatural foi estudado por vários teólogos e filósofos, entre eles Augusto Comte, na sua Teoria do Conhecimento, quando apresenta os três estados do conhecimento: 1º) o teológico; 2º) o metafísico; e o 3º) o positivo ou científico. No primeiro estado, Comte apresenta uma evolução da busca religiosa dos seres humanos para entender a vida e o mundo. Baseado nas sugestões de Comte e de outros autores, podemos apresentar sete estágios evolutivos da Religião, como tateamentos:

Animismo - Todos os seres existentes: animais, vegetais, minerais e humanos e os fenômenos naturais podem ser habitados por almas (animae, ae) ou espíritos possuidores de poderes acima da natureza.

Fetichismo – a crença de que certos objetos da natureza ou fabricados pelo homem têm poderes mágicos que podem ajudar ou fazer mal, por isso devem respeitados e até cultuados.

Manaísmo – fantasmas ou espíritos dos que já morreram e que têm influência sobre os vivos. Como na celebração do Quarup, dos índios do Alto Xingú, quando invocam Mavotsinin, espírito tribal.

Totemismo – adoração do Totem, que pode ser um vegetal, animal ou objeto que tem uma relação sentimental com uma tribo ou grupo humano.

Politeísmo – crença e adoração de muitos deuses da natureza, geralmente adorados através de imagens, fabricadas ou não, do que há “em cima nos céus, em baixo na terra e nas águas debaixo da terra” para usar uma frase do Decálogo.(Ex 20.4)

Monoteísmo – Crença e adoração de um só Deus que tem seu nome sagrado, seja para o Faraó Amenóphis IV, ou para o Judaísmo, para o Cristianismo e o Islamismo.

Henoteísmo – Adoração de um só Deus, mas acreditar também em outros deuses, além do principal. É uma corrupção do Monoteísmo.

A origem da palavra religião

Deriva-se da palavra latina religio, onis . Há duas opiniões sobre o verbo latino que deu origem a esse substantivo: 1ª) Explicação de Cícero (106 a 44 a.C.) que ensinava que ela se deriva do verbo latino relegere, que tem os seguintes sentidos: a) fidelidade ao dever (especialmente ao dever cívico em relação ao Império Romano e ao seu

imperador (culto imperial); b) consciência do dever; c) escrúpulo religioso; d) culto religioso; e) práticas religiosas (Cícero e os clássicos latinos entendiam a religião como parte dos deveres do cidadão). 2ª) Explicação de Lactâncio (Teólogo do ano 260 d.C.) e de Agostinho (354-430 d.C.) que ensinaram que a palavra latina religio, onis deriva do verbo religare, que quer dizer: a) ligar outra vez; b) apertar; c) atar; d) ação de prender-se, ligar-se e tomar para si um objeto. Os dois teólogos citados entendiam a Religião no contexto ético-individual na experiência do cristianismo. Mais adiante registrarei a definição clássica de Lactâncio sobre Religião.

Os grandes estudiosos da religião

Não podem faltar nos Conteúdos Programáticos das disciplinas desta Cátedra os nomes e os escritos dos grandes estudiosos que estão ligados não só às Teologias da Religião, mas também à Filosofias da Religião, à Antropologia Cultural, à Sociologia da Religião, à Psicologia da Religião, às Ciências da Religião, à História das Religiões. Nomes como os de Comte, Tylor, Rudolf Otto, Durkheim, Max Müller, Eliade, Schleiermacher, Freud, Feurbach, Marx, Troeltsch, Weber, Levy Strauss, Barth, Tillich e, entre os contemporâneos como Dupuis, Geffré, Haight, e outros; e entre os brasileiros: Rubem Alves, Alceu Amoroso Lima, Faustino Teixeira, Leonardo Boff e outros.

As grandes teologias da religião

Devem ser priorizadas nesta CÁTEDRA as grandes Teologias da Religião das épocas moderna e contemporânea. Destacamos:

- a) A Teologia das Religiões Comparadas, de Ernest Troeltsch.
- b) A Teologia da Morte de Deus, a partir de Nietzsche.
- c) A Teologia Néo-Ortodoxa: Barth, Brunner, os dois Niebhurs (Richard e Reihold).
- d) O debate teológico sobre “Religião Natural x Religião Revelada”;

- e) Teologias da Libertação;
- f) Teologia do “Cristianismo sem Religião” de Bonhoeffer e Tillych, e outras.

Justificativas para a criação da Cátedra

Quanto à primeira área que se refere à Teologia Pública, diante dos desafios da sociedade brasileira que apontam graves crises individuais, sociais, econômicas e políticas, as Igrejas estão sendo requisitadas para colaborar. O que as Igrejas podem fazer para melhorar a sociedade? As Faculdades de Teologia não podem deixar de preparar as lideranças das Igrejas para responderem, na prática pastoral, a essa pergunta.

Quanto à segunda área que se refere aos Estudos da Religião, nada mais oportuno incluí-la, pois a ASTE (Associação de Seminários Evangélicos do Brasil), em 2008, publicou o seu 1º Dicionário Brasileiro de Teologia, e, incluiu um verbete novo intitulado: Teologia das Religiões. Temos, portando oficializada essa nova Disciplina do Currículo Teológico. Esta nova cátedra que estamos inaugurando na Faculdade Unida poderia também ter o seguinte título: Teologia Pública e Teologia das Religiões.

No STBNE, onde eu leciono, na sua Revista Teológica EPISTÊMÊ, publicou, nestes últimos anos, dois estudos sobre o assunto: um do Prof. Társis Brito sobre “A Religião no Contexto da Modernidade”, e outro do Prof. Devaka Pramawardhana sobre “O Espírito Santo e as Religiões do Mundo (Para Além da mera Tolerância Religiosa)”. O Professor Heitor Frisoti, do ITEBA (Instituto Ecumênico de Teologia da Bahia), em Salvador, escreveu o livro: “Passos do Diálogo” estudando as relações do Catolicismo Brasileiro com o Candomblé.

Há, porém, três justificativas mais importantes: O pluralismo religioso na sociedade contemporânea.

As cidades contemporâneas estão cada vez mais cheias de novas Igrejas, nova Seitas, criando ou importando novas e antigas religiões

o Ocidente e do Oriente. Por outro lado, há um paradoxo, é que, não só no Brasil, mas em muitos países cresce o número de pessoas que, nos recenseamentos, se classificam com “sem religião”. Em algumas cidades de porte médio, no Brasil, em cada esquina há uma “Igrejinha”. Eu moro perto de uma rua, um bairro populoso de Feira de Santana que há oito diferentes Igrejas num pequeno trecho de três quadras em que há oito diferentes Igrejas evangélicas e nenhuma Paróquia Católica Romana.

O diálogo inter-religioso

O diálogo inter-religioso proposto pelos líderes do Movimento Ecumênico, principalmente pelos líderes do Conselho Mundial de Igrejas, em sua última Assembleia Geral, no Brasil, em fevereiro de 2006, quando seu Moderador declarou: “Afirmar nossa fidelidade a Cristo... não nos inibe de entrar em diálogo e cooperação com outras religiões”.

O Espírito Santo e as religiões do mundo.

Na celebração dos 500 anos do chamado “Descobrimento do Brasil” os bispos da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), em celebração pública, em Porto Seguro, pediram perdão aos indígenas brasileiros e aos africanos e seus descendentes porque não perceberam, desde o início da evangelização dessas etnias, no início do século XVI, que antes que eles chegassem, como missionários, outro missionário já tinha chegado e trabalhado com eles - o Espírito Santo. Por isso eles, missionários, pecaram quando identificaram todas as manifestações religiosas deles como sendo obras de Satanás, demonizando-as, satanizando-as e, até, criminalizando-as. Nessa mesma época, vários teólogos já tinham começado a estudar o que já tinha sido introduzido por Justino, o Mártir, no século II, quando falava nas “sementes do Logos”, ou seja, a presença do Logos de Deus em todas as religiões (João 1.9) fora do âmbito eclesiológico dos cristãos. Hoje, por causa dessas justificativas, temos que inaugurar e manter essa Cátedra.

Gostaria de terminar a minha apresentação nesta aula da Faculdade Unida de Vitória, ES, lendo uma pequena Palestra que proferi, na década de 1960, no auditório do Seminário Presbiteriano do Norte, no Recife, que foi cedido aos estudantes universitários de várias Igrejas Evangélicas que pertenciam à Associação Cristã de Estudantes (ACA). O assunto da minha palestra, talvez fosse muito pesado para os seminaristas que, talvez, tivessem que dar explicações às suas Igrejas.

O cristianismo sem religião

Temos que fazer distinção entre Religião e Fé. Religião é esforço e tentativa do homem. Fé é dom de Deus ao homem. Em certo sentido, o Cristianismo não pode ser considerado como uma Religião ou uma nova Religião porque não se identifica com aquilo que chamamos de Religião e que vemos nas conhecidas Religiões humanas. Façamos três considerações iniciais:

1) A palavra grega religião *threskeia* aparece apenas três vezes na Bíblia (Atos 26.5; Tiago 1.26,27). No Antigo Testamento e no Novo Testamento, o homem que teme a Deus raramente é chamado de religioso, mas santo, crente, justo, servo, etc. Abraão não é chamado de Pai da Religião, mas Pai da Fé. Jesus nunca falou em Religião, nem seus Apóstolos, quando implantaram o Cristianismo. 2) A palavra “Religião” só apareceu no vocabulário cristão no século IV, com Lactâncio, que de deu a seguinte definição: “Religião é o laço que une o homem com Deus”. Até essa época o vocábulo não era comumente usado na pregação cristã. 3) As várias definições de Religião demonstram que a Fé Cristã, rigorosamente considerada, não é uma Religião.

Opiniões de alguns teólogos

Vários teólogos contemporâneos estão estudando o assunto e estão formulando a tese de que a Fé Cristã não é uma Religião:

Dietrich Bonhoeffer escreveu: “Ser cristão não significa ser religioso, mas ser homem... Nossa relação com Deus não é uma relação

religiosa ... Jesus não chamou homens para uma nova religião.” Foi Bonhoeffer usava muito a expressão: “Cristianismo sem religião”.

Emil Brunner afirmou: “Na Bíblia a religião é considerada por Deus como sem valor. O conceito de religião perdeu todo o seu significado pelo ato divino Da Revelação e da Reconciliação.”

Paul Minear escreveu: “O termo Religião aparece raramente na Bíblia porque não há uma experiência que possa ser chamada de “religiosa” [...] Deus não estabelece uma religião entre outras, mas traz todas as religiões debaixo de seu julgamento.

Paul Tillich disse: “O primeiro fardo que Jesus veio tirar dos ombros das cansados e oprimidos foi a religião dos homens”.

Características do cristianismo sem religião: O cristianismo sem religião é teocêntrico

Em todo o Antigo Testamento vemos os profetas preocupados com o Concerto, a Aliança de Javé com o seu Povo. Não falavam de religião. Javé queria conviver com seu Povo.

Jesus não falava em religião e não foi “religioso”, como muitos pensam. Jesus combateu a religiosidade dos escribas e fariseus porque eles colocavam as regras religiosas, como ídolos no lugar da comunhão com Deus.

Um dos maiores prejuízos da religião é retirar Deus do centro da vida humana e substituí-Lo por arranjos dos da Religião e de seus representantes. Retiram o Único Mediador (1 Timóteo 2.3-5)

A Religião retira Deus do centro da vida espiritual do ser humano.

O cristianismo sem religião é profundo

Quando a religião afasta o homem de Deus também o faz superficial, por causa de três preocupações religiosas que se apresentam distorcidas:

Moralismo - A religião induz o homem a se preocupar demasiadamente com a moralidade transformando o cristão em um Moralista,

como no tempo de Jesus os fariseus que seguiam a “tradição dos anciãos”. A religião prepara listas ou catálogos de virtudes e de vícios para a orientação da vida cristã. O cristão fica orientado por uma casuística inquisitorial que o faz encabrestado, descentralizando sua vida e o superficial, pelo moralismo.

Ritualismo - A preocupação demasiada da religião pelos ritos nos atos de adoração faz a vida cristã ficar superficial. O cristão substitui a comunhão profunda com Deus pela prática de ritos que a religião estabelece. Dá mais atenção às exterioridades do culto do que à vida interior de integridade com Deus e com o próximo, adora a Deus “em espírito”, mas não “em verdade”. Isaías e Amós e outros profetas criticaram muito esse ritualismo (Isaías 1.11-15. Amós 5.21,22)

Especulação intelectual – Dogmatismo – É a tendência intelectualista da religião. Substitui a realidade pelo pensamento e pela abstração intelectual, dando mais importância à “reta doutrina” e aos textos dos catecismos do que a vida real do cristão centralizada no Amor.

O cristianismo sem religião é total

A religião diminui, amputa e mutila a vida cristã procurando construir muros de separação entre várias áreas da vida cristã, tentando impedir a operação de Deus na vida total do homem. Esse fenômeno de diminuição se manifesta nos seguintes aspectos:

No tempo – Para os religiosos a comunhão com Deus está restrita a determinadas horas do dia e dias da semana. Eles dividem o tempo em profano ou secular e tempo religioso. O domingo, por exemplo, é o dia da religião até à zero hora, ao passo que os outros dias da semana não têm nada a ver com a religião.

Nas ações – A religião faz separação entre atos religiosos e atos profanos ou seculares. Os atos religiosos são aqueles feitos aos domingos ou no âmbito dos templos ou em momentos separados para essas ações, especialmente os cultos, as missas, as orações. Fora disso é tempo-não-religioso.

Nas profissões – Os religiosos fazem diferença entre profissões religiosas, pelas quais as pessoas servem a Deus, e profissões não-re-

ligiosas, ou seculares, nas quais as pessoas servem aos homens nas diferentes profissões do mercado do trabalho.

Conclusão

Se você, meu irmão ou irmã for crente em Jesus Cristo e membro de uma Igreja Cristã, apesar de salvo e justificado, você é pecador, porque, como afirmou Lutero, o homem justificado por Cristo, é, ao mesmo tempo *Iustus et Peccator* (justo e pecador), portanto, como pecador você tem uma atração pela Religião, pois não podemos ficar totalmente livres dela. Ore, pois, a Deus, pedindo ao Espírito Santo para que, pela sua Fé, que é dom de Deus, e, com o auxílio dele, você possa monitorar a sua religião.